



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
ESPAÑHOLA**

**A CRIAÇÃO DA IDENTIDADE ÍNDIGENA NO PRIMEIRO *DIÁRIO DE*
VIAGEM DE COLOMBO**

ANA FABILLANE CABRAL DA SILVA

**JOÃO PESSOA
JUNHO DE 2018**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
ESPAÑHOLA

ANA FABILLANE CABRAL DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras-Espanhol.

Orientadora:

Professora Doutora Maria Luíza Teixeira Batista.

JOÃO PESSOA
JUNHO DE 2018

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586c Silva, Ana Fabillane Cabral da.
a criação da identidade indígena no primeiro diário de
viagem de Colombo / Ana Fabillane Cabral da Silva. -
João Pessoa, 2018.
34 f.

Orientação: Maria Luiza teixeira Batista.
TCC (Especialização) - UFPB/CCHLA.

1. Identidade. Colombo. Povos originários. América. I.
Batista, Maria Luiza teixeira. II. Título.

UFPB/CCHLA

A CRIAÇÃO DA IDENTIDADE ÍNDIGENA NO PRIMEIRO DIÁRIO DE
VIAGEM DE COLOMBO

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba
como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras-Espanhol.

Data da aprovação 07/06/2018

Banca Examinadora:



Profª Drª Maria Luíza Teixeira Batista. Orientadora

Orientadora

(UFPB)



Profª Drª Lucia Fatima Fernandes Nobre

Examinadora

(UFPB)



Profª M.ª Christiane Maria de Sena Diniz

Examinadora

(UFPB)

Suplente: Profª M.ª Carolina Gomes da Silva

Examinadora

(UFPB)

Com fome de sangue, de ouro, de terra e de todas as suas riquezas, trazendo em uma mão a cruz e na outra a espada. Sem conhecer ou querer aprender os costumes de nossos povos, nos classificaram abaixo dos animais. Roubaram nossas terras e nos levaram para longe delas, transformando em escravos "os *Filhos do Sol*". Entretanto, não puderam nos eliminar, nem nos fazer esquecer o que somos, porque somos a cultura da terra e do céu. Somos de uma ascendência milenar. E somos milhões.

(Discurso de líder indígena durante convenção da ONU)

Dedico este trabalho a todos os "*Filhos do Sol*", povos originários da nossa querida América

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a meus pais, Antônio Floriano da Silva e Antônia Cabral da Silva, pelos anos de luta e investimento na minha educação formal e informal que me prepararam para que hoje eu possa estar concluindo a minha primeira graduação e para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje.

Agradeço imensamente aos meus três irmãos, Antonio Fabio Cabral da Silva, Adriana Cabral da Silva por terem colaborado direta e indiretamente para a construção deste trabalho, escutando e partilhando das minhas ideias concordando e discordando, e especialmente ao meu irmão Paulo Roberto Cabral da Silva por ter me encorajado em diversos momentos e contribuído de diversas maneiras para que eu seguisse minha vida acadêmica.

Agradeço com muito amor e carinho, ao meu amigo, companheiro, e eterno namorado Luiz Eduardo Pereira Gava por todos os momentos que compartilhou comigo durante esses quatro anos, me encorajando a seguir meus objetivos, me dando ânimo em cada momento que pensei em desistir e que me julguei incapaz, por sua paciência nos meus momentos de impaciência, por sua colaboração na construção deste trabalho e por seu amor e compreensão ao longo da nossa jornada.

Agradeço a minha querida professora e orientadora Maria Luiza Teixeira Batista, que desde o primeiro semestre em sua disciplina de “Cultura dos povos hispano-americanos” com sua visão crítica de mundo, despertou meu interesse na formação e cultura dos povos latino-americanos assim como meu gosto pela escrita de textos críticos. Assim como, agradeço a todos os professores da licenciatura em língua espanhola que contribuíram para a minha formação acadêmica, e que servem de exemplo para a profissional que almejo ser.

Agradeço a todos os amigos e colegas de curso, que cultivei ao longo da graduação alguns que concluíram essa jornada comigo, outros que seguiram destinos diferentes mas continuam no meu coração. E agradeço em especial aos meus amigos Thiago Germano e Carol Moraes que conheci durante essa jornada, e que contribuíram para a construção deste trabalho debatendo por vezes a temática comigo, nas nossas animadas conversas etílicas. Agradeço também ao distante e querido amigo, Harrison Miranda que ao longo de cinco anos de amizade, e noites de debates contribuiu tanto para a ideia deste trabalho como para diversas ideias de possíveis futuros escritos.

E por fim, agradeço a imensa força sagrada que rege o universo e que me rege, agradeço aos Deuses, por estar hoje escrevendo estas linhas e concluindo uma parte importante da minha jornada nesta vida.

RESUMO

Este trabalho surgiu da necessidade de compreender a identidade latino-americana, desde o seu processo de formação até os dias atuais. Para isto se fez necessário entender onde e como surge essa identidade. Tendo como *corpus* o “*primeiro diário de viagem Colombo*”, busquei compreender em sua narrativa como se constrói o discurso a respeito dos povos do “Novo Mundo”, e como este discurso contribui para a imagem dos povos nativos tal qual a conhecemos. Com base nos estudos sobre identidades, e fundamentado nas teorias de Manuel Castells e Stuart Hall este trabalho se propõe a compreender o processo de construção da identidade dos povos originários da América de colonização espanhola.

Palavras – chave: Identidade. Colombo. Povos originários. América.

RESUMEN

Este trabajo ha surgido de la necesidad de comprender la identidad latino-americana, desde su proceso de formación hasta los días actuales. Se hizo necesario entender dónde y cómo surgió esta identidad. Teniendo como *corpus* el “primer diario de viaje de Colombo”, intenté comprender en su narrativa como se construye el discurso sobre los pueblos del “Nuevo Mundo”, y como este discurso contribuye para la imagen de los pueblos nativos como la conocemos. Basándose en los estudios al respecto de la identidad y fundamentándose en los estudios de Manuel Castells y Stuart Hall este trabajo se propone comprender el proceso de construcción de la identidad de los pueblos originarios de la América de colonización española.

PALABRAS – CLAVE: identidad. Colombo. Pueblos originarios. América.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1- COMPREENDO A IDENTIDADE	9
1.1.FORMAS IDENTITÁRIAS	11
1.2 IDENTIDADE E PODER.....	13
2 - CRISTÓBAL COLÓN: EL DIARIO DEL PRIMER VIAJE.....	16
2.1 – DIÁRIO DE VIAGEM COMO GÊNERO LITERÁRIO	17
3- COLOMBO E O “NOVO MUNDO”	20
3.1 - IDENTIDADE LEGITIMADORA: COLOMBO E A CONSTRUÇÃO DO OUTRO	22
3.2 - O SURGIMENTO DO ÍNDIO	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos a história, a literatura, os livros didáticos, repassaram o que havia sido o momento da chegada de Cristovão Colombo ao lugar denominado “Novo Mundo” posteriormente nomeada América, terra de árvores verdes, de muitas riquezas, povos desnudos, gentis e bons servidores. A estes povos deram o nome de índios, ensinaram-lhes novos costumes, uma nova fé, tornaram-lhes povos “civilizados” a sua maneira e em troca usurparam suas terras, seus pertences, sua identidade.

Este trabalho pretende realizar uma reflexão a cerca dos processos de construção da identidade sócio-cultural e as relações de poder presentes neles, tendo como *corpus* de pesquisa as narrativas a respeito da conquista da América presentes no primeiro diário de viagem de Cristovão Colombo.

Nosso maior objetivo está em efetuar uma análise a respeito do processo de conquista da América espanhola, tentando compreender como através de discursos etnocentristas e unilaterais foi construída uma (nova) identidade para os povos que habitavam estas terras, desconsiderando aspectos identitários que eles já possuíam e produzindo um discurso que segue sendo reproduzido repleto de deturpações e preconceitos.

Quando falamos em processo de construção da identidade sócio-cultural, precisamos definir alguns aspectos, tais quais, identidade e cultura. Analisarei a teoria das identidades a partir de uma abordagem dialética, partindo do estudo das diferentes concepções que o tema teve ao longo dos anos desde os pensamentos filosóficos até as concepções mais modernas da identidade, esta análise será realizada com o intuito de facilitar a compreensão do leitor sobre as diferentes concepções de identidade e seus processos de formação. Compreendemos que a identidade não é apenas de caráter fixo, estável, e definitivo, mas também dinâmica, fluída, instável.

Para o desenvolvimento deste trabalho, utilizaremos principalmente os textos de pesquisadores como Hall e Castells para compreender o processo de criação das identidades, assim como de outros teóricos para entender melhor as discussões acerca da formação da identidade. A respeito da identidade e diferença, Hall (2000) nos diz que as identidades são diversas e cambiantes, tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentido a nossas próprias posições.

A identidade está ligada a representação, esta por sua vez se faz em atos lingüísticos. Quando utilizamos uma palavra para definir algo, não estamos apenas afirmando, estamos também definindo e reforçando discursos que estão permeados por relações de poder. Em relação à cultura, pensaremos ela ligada as relações sociais de um povo, ou seja, entendemos o termo cultura como sendo o conjunto de costumes, produções e práticas de uma sociedade.

Antes de prosseguirmos é necessário esclarecer a escolha de alguns termos presentes neste trabalho. Sabemos que existe um grande debate a respeito de quais termos definem melhor o momento de encontro entre diferentes povos, pensando nisso se faz necessário a explicação da escolha de alguns termos que estarão presentes ao longo dos capítulos e que podem gerar certas inquietações ao leitor. Iniciando pelo termo “conquista” que de acordo com o dicionário Aurélio da língua portuguesa significa; “Submeter pela força de armas; vencer, subjugar; Granjear, adquirir, ganhar; Tomar terras a força de armas; Atrair, seduzir” (Ferreira, 1999, p.177).

Apesar de um de seus significados ser o de atrair, seduzir, o que passa uma ideia romantizada e de rendição voluntária, significado que poderia contradizer o objetivo principal deste trabalho, pois poderia afirmar a ideia de conquista do índio por ingenuidade deste e minimizar o verdadeiro impacto causado pelo processo de conquista e dominação da América, optei por utilizar o termo enfatizando o significado de “submeter pela força de armas; vencer, subjugar”, sendo este o significado mais adequado quando nos referimos ao processo de conquista da América. Outro termo que chama atenção neste trabalho é “América”. Devemos deixar claro que, antes da chegada de Cristovão Colombo, as terras que hoje compõem o continente latino-americano possuíam diferentes etnias e diferentes nomes, sendo assim cada região do que hoje conhecemos como América Latina possuía nomes diversos de acordo com os povos que habitavam cada área. Após a chegada de Colombo estas terras foram renomeadas por diversas vezes, a escolha do nome “América” até hoje é atribuída a Américo Vespúcio, porém ainda se discute a veracidade desta informação. Este termo aparecerá ao longo do trabalho como um referencial geográfico genérico, para que o leitor compreenda que quando falamos em conquista estamos nos referindo ao que passou a ser chamado de conquista da América espanhola.

Outro aspecto importante a ser frisado é a ausência dos termos índios, indígenas, para fazer referencia aos povos que habitavam estas terras antes da chegada dos

espanhóis. Sabemos que Colombo acreditava haver chegado às índias o que o levou a denominar os habitantes como índios. Ao longo do tempo esse termo passou a sofrer críticas principalmente por ser algo genérico e que enquadrava todos os povos em um único tipo, quando na verdade havia uma enorme variedade de etnias, portanto adotaremos o termo nativo ou povos originários para nos referir a estes habitantes.

Como dito anteriormente este trabalho tem por objetivo realizar uma reflexão acerca dos processos de construção da identidade sócio-cultural indígena e as relações de poder envolvidas no processo de conquista do que então foi nomeada América espanhola. A preocupação em pesquisar sobre este campo de estudo surgiu da inquietude em compreender o processo de formação da América latina, e de como foi criada essa ideia de sentimento latino-americano.

Ao buscar as respostas para as minhas perguntas, percebi que era necessário voltar ao início de todo o processo de conquista até a criação do conceito de América Latina, para compreender a relação que temos com nossos ancestrais, a ideia que fazemos deles e como isso reflete na nossa imagem, na nossa forma de pensar a respeito dos primeiros habitantes destas terras, e o sentimento que temos em relação à América Latina, pois somos parte dela. Mas nos vemos e nos sentimos latino-americanos? Ao tentar compreender e responder essa pergunta, surgiram mais questionamentos, que me levaram à elaborar este trabalho de conclusão de curso, ponto de partida para futuros estudos que me levará a refletir sobre o que é ser latino americano.

O trabalho encontra-se dividido em três capítulos, para melhor entendimento do leitor, no capítulo inicial realizaremos uma abordagem sobre as teorias a respeito das identidades e como estas se constroem. O segundo capítulo está composto pela exposição do corpus da pesquisa, o primeiro diário de viagem de Cristovão Colombo com a narração da sua chegada ao “Novo Mundo”. No terceiro capítulo, temos a análise desse corpus, aplicando o que foi discutido acerca das identidades ao primeiro diário de Colombo e suas narrativas sobre os nativos das terras encontradas.

Finalizando, temos a conclusão onde fazemos um levantamento geral de tudo que foi discutido ao longo dos capítulos, e as contribuições e relevância do trabalho para este momento da vida acadêmica.

1- COMPREENDENDO A IDENTIDADE

Quando pensamos em identidade nos vem à mente a ideia de um conjunto de aspectos que servem para identificar e individualizar. Porém conceituar e compreender a identidade torna-se um árduo trabalho à medida que nos deparamos com suas diferentes teorias, e com os diferentes conceitos do que é, como se forma, e para que/ou quem serve a identidade.

Para que possamos compreender o conceito de identidade, faz-se necessário compreender as bases teóricas que desde os primórdios da filosofia, dividem a noção da identidade em uma perspectiva essencialista e nominalista.

De acordo com a perspectiva essencialista, um ser possui propriedades essenciais, que tem por características serem universais, imutáveis e partilhadas, tais propriedades definem as características de cada grupo comuns a uma espécie.

No século X a.C., Parmênides teorizou sobre o tema em sua célebre frase “O ser é, o não ser não é”. Ele afirma que a identidade dos seres é aquilo que se mantém apesar do tempo e das mudanças, tendo assim o sentido de permanência, aquilo que permanece idêntico. Para Parmênides, “a mudança é excluída do Ser”. A respeito disto Aristóteles afirma que:

Acontece-lhe desta maneira, admitir (simultaneamente) como princípios o “uno” (que é simples e sem mistura) e o “outro”, como nós admitimos o indeterminado antes de vir a ser determinado e de participar de uma espécie qualquer. (ARISTÓTELES, 1984 p.28)

Esta afirmação, centrada na forma de se pensar a identidade, serve de apoio em diversas áreas do conhecimento que se propõem a estudar as formações identitárias. Quando pensamos nos discursos sobre identidade, seja por um ponto de vista biológico, psicológico ou histórico, esses tendem a apoiarem-se em uma perspectiva mais essencialista, seja pelo fato de reivindicar quem pertence ou não a determinado grupo. Segundo Stuart Hall (2000):

O essencialismo pode fundamentar suas afirmações tanto na história quanto na biologia; por exemplo, certos movimentos políticos podem buscar alguma certeza na afirmação da identidade apelando seja à “verdade” fixa de um passado partilhado seja a “verdades” biológicas. (Hall,2000, p.16).

Outra corrente por vezes atribuída à filosofia pré-socrática que se opõe às ideias essencialistas é a denominada nominalista. Nesta corrente entende-se que não há essências eternas, tudo está sujeito a transformações, dependendo de contextos como época e pensamento. Podemos afirmar que no pensamento nominalista a identidade não será vista como algo que remete à igualdade, semelhança ou essência, mas sim como uma forma de identificação. A respeito disto Dubar (2006) nos diz que:

A identidade não é aquilo que permanece necessariamente idêntico, mas o resultado duma identificação contingente. É o resultado duma dupla operação linguística: Diferenciação e generalização. A primeira visa definir a diferença, aquilo que faz a singularidade de alguém ou de alguma coisa em relação a outra coisa ou a outro alguém: a identidade é a diferença. (Dubar,2006, p.09)

Afirmando que a identidade é a diferença, temos o que Dubar (2006) chama de Paradoxo da identidade, no qual a identidade é composta de uma diferenciação que permite identificar as singularidades dos indivíduos em relação ao grupo que pertencem. E ao mesmo tempo composta por uma generalização necessária, no qual se procura definir pontos em comuns em uma classe de indivíduos aparentemente diferentes entre si.

Quando as duas correntes são aplicadas aos estudos da identidade elas se complementam. Se de um lado temos a essencialista afirmando a realização da identidade através da essência do ser, aquilo que ele é seja através da genética ou de suas escolhas sociais. Por outro lado teremos a nominalista defendendo a inexistência de características essenciais e permanentes aos indivíduos, o que predominaria seriam modos de identificação que dependem de contextos coletivos e pessoais.

Esses modos de identificação resultariam nas identificações feitas por e para os outros, e nas identificações feitas por e para si. Estas podendo ser aceitas ou rejeitadas pelo indivíduo, e transformadas ao longo da sua vida. A respeito disso Dubar (2006) nos diz que:

Estas constituem, então, sistemas de designação, historicamente variáveis, religando as identificações por e para o outro e as identificações por e para si. Estes dois tipos de categorização podem coincidir. Por exemplo, quando um ser humano interioriza sua pertença herdada e definida pelos outros como a única possível. No entanto, estes dois tipos também podem divergir completamente. Por exemplo, quando

alguém se define a si próprio com palavras diferentes das categorias oficiais utilizadas pelos outros. (Dubar, 2006 p. 10)

Estas duas correntes podem ser aplicadas as concepções de identidade apresentadas por Hall (2006). Para ele, o “sujeito do iluminismo” era definido por ser um indivíduo centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, um ser completo em si, na qual sua identidade estava diretamente ligada à noção de ser, que continuava inalterada ao longo de sua existência.

Existem vários debates a respeito da conceituação da identidade, uma vez que estamos discutindo algo subjetivo. Portanto, encontrar uma única definição sobre o tema torna-se um desafio para aqueles que se dedicam ao seu estudo. Como nos afirma Bauman (2005) “não estava nem perto de nosso centro do nosso debate, permanecendo unicamente um objeto de meditação filosófica. (BAUMAN, 2005 p. 23).

Na atualidade o debate sobre a formação da identidade e seus processos deixa de ser algo secundário, e emerge a luz das discussões sociais. À medida que a sociedade se transformou, surgiu a necessidade de compreendê-la de uma maneira completa, é nesse momento que se desenvolve no meio das ciências sociais os estudos e debates sobre a identidade, buscando compreender os novos modelos de sociedades formados após as mudanças do final do século XX, a identidade tida antes como tema secundário passa a ser discutida por diferentes perspectivas.

1.1.FORMAS IDENTITÁRIAS

Como dito anteriormente conceituar identidade é um árduo trabalho, uma vez que este é um tema multifacetado e subjetivo, faz-se necessário então entender as formas como a identidade se realiza para que possamos compreender suas concepções.

Alguns autores buscam compreendê-la partindo da noção de identidade pessoal, em seus âmbitos psíquicos e de formação do “eu” e como este “eu” interage com o ambiente ao seu redor. Outros por sua vez, buscam compreender a identidade de um ponto de vista coletivo partindo de um estudo da identidade coletiva que está ligada diretamente a determinadas estruturas culturais, ou seja, a identidade é estudada como sendo formada culturalmente.

A respeito das identidades coletivas, Hall nos diz que estas são “quadros de referência e sentidos estáveis, contínuos e imutáveis por sob as divisões cambiantes e as vicissitudes de nossa história real (HALL, 2000, p. 68). Outras formas identitárias são diretamente ligadas à identidade coletiva, como é o caso das identidades regionais, nacionais, étnicas.

Podemos compreender então as identidades pessoais e coletivas como um conjunto de representatividades socialmente compartilhadas, que não se opõem, mas que se complementam para a formação dos indivíduos.

Uma identidade coletiva está diretamente relacionada às identidades pessoais, como afirma Hall (2000, p. 68): “A representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior.” Na concepção de Hall, a identidade é regida pela representação simbólica, para existir depende de algo exterior a ela, sendo assim a identidade torna-se relacional, pois precisa de outra identidade, que difere de si e ao mesmo tempo concede subsídios para que ela exista.

Dessa forma, como defende Hall (2000), a identidade se constrói sendo marcada pela diferença e este ponto de vista está diretamente ligado às correntes essencialistas e nominalistas como vimos anteriormente.

Como afirma Tomás Tadeu (2000, p. 8), a identidade é marcada pela diferença. Mas, como se realiza essa diferença? A diferença se realiza por meio de sistemas classificatórios que incluem e excluem socialmente. Os indivíduos por mais que possuam representações semelhantes divergem entre si em alguns pontos, e é na diferença que a identidade se realiza, identificamos no outro aquilo que negamos possuir, sendo assim a identidade torna-se excludente. Nesse sentido, Hall (2000) afirma que:

A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença - a simbólica e a social - são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos - nós/eles (por exemplo, sérvios e croatas); eu/outro. (Hall, 2000, p. 40).

De acordo com Castells a identidade é a fonte de significado e experiência de um povo. Segundo o autor essa construção de significado baseia-se em conjuntos de atributos culturais significativos para o indivíduo e que prevalecem sobre os demais.

De uma maneira didática o autor aborda o conceito de identidade a partir do ponto de vista sociológico. De acordo com Castells (1999), identidade são as fontes de significado para os atores sociais e que por eles foram construídas a partir de um processo de individuação; papel social (ou papéis sociais) são as características definidas por normas e instituições a qual os atores sociais fazem parte e que definem as funções dos atores em sociedade. Segundo Castells:

No que diz respeito a atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. (Castells, 1999, p.22)

Em sua teoria, Castells discorre sobre os processos de construção da identidade, estes passam por um processo de autoconstrução e individuação, a partir de identificações simbólicas advindas de uma identidade primária que se manteve ao longo de sua vida, que teve suas informações reprocessadas e reorganizadas pelos indivíduos.

1.2 IDENTIDADE E PODER

Partindo do ponto de vista sociológico todas as identidades são construídas, a questão principal é por quem e para que esta identidade é construída, levando em consideração que a construção social da identidade é realizada sempre em contextos de relações de poder. A respeito disso Castells propõe três formas originárias e distintas entre si de construção de identidade, que são identidade legitimadora, identidade de resistência, identidade de projeto.

- Identidade Legitimadora: Introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relações aos atores sociais.
- Identidade de resistência: criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostas a estes últimos.

- Identidade de projeto: quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social. (Castells, 1999, p.24)

Em seu texto, Castells pondera que, a qualquer momento do processo de construção das identidades, estas podem intercalar uma e outra. Por exemplo, uma identidade inicialmente resistência pode tornar-se de projeto e vir a ser legitimadora para afirmar sua dominação. Isso nos mostra que, desde um ponto de vista sociológico, nenhuma identidade é uma “essência” e não se encerra em si mesma, todas se realizam em um processo de construção e reconstrução determinado em um contexto social e histórico. Castells acrescenta:

Obviamente, identidades que começam como resistência pode acabar resultando em projetos, ou mesmo tornarem-se dominantes nas instituições da sociedade, transformando-se assim em identidades legitimadoras para racionalizar sua dominação. De fato, a dinâmica das identidades ao longo desta sequência evidencia que, do ponto de vista da teoria social, nenhuma identidade pode constituir uma essência, e nenhuma delas encerra, per se, valor progressista ou retrógrado se estiver fora de seu contexto histórico. (Castells, 1999, p.24)

Podemos dizer então que o processo de construção de uma identidade é permeado direta e indiretamente por relações de poder, transmitidos através de ideologias e discursos que são internalizados pelos indivíduos. Como nos diz Foucault (1998, p.92): “O indivíduo, com suas características, sua identidade, fixado a si mesmo, é o produto de uma relação de poder que se exerce sobre corpos, multiplicidade, movimentos, desejos, forças.”

Poder este que limita e reprime como forma de contenção, mas que também produz discursos, forma saberes, cria prazeres, o que faz com que este poder seja, mesmo que de forma inconsciente, aceito pelos indivíduos. Sendo assim, o poder se realiza no discurso, atravessa o campo das ideologias e se impõe socialmente, determinando o que é aceito e o que é marginalizado. Trazendo esta noção para o campo das identidades, podemos afirmar que os discursos de poder colaboram para a escolha do que será incluído e excluído nos processos de formação das identidades, o que resultaria em distinções nos processos de identificação, aceitando tudo aquilo que foi

dito para ser aceito através do discurso de poder, e negando aquilo que difere, ou não faz parte do que foi transmitido neste discurso. (Castells, 1999, p.25)

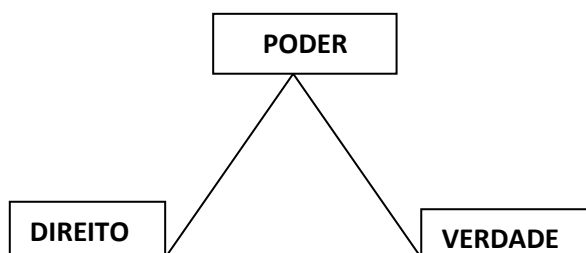
Foucault esquematiza o que seria o triângulo dos mecanismos constituintes do poder, sendo eles; poder, direito e verdade. O poder seria composto por regras de direito normatizadoras, que constituem as relações de poder através de discursos de verdade, mantendo a perpetuação das relações de poder e do poder estabelecido. Segundo Foucault,

(...) afinal de contas, em qualquer sociedade, múltiplas relações de poder perpassam, caracterizam, constituem o corpo social; elas não podem dissociar-se, nem estabelecer-se nem funcionar sem uma produção uma acumulação, uma circulação, um funcionamento do discurso verdadeiro. Não há exercício de poder sem certa economia dos discursos de verdade que funcionam nesse poder, a partir e através dele. (Foucault, 1998, p. 28)

O poder tem o direito como seu instrumento de dominação, não apenas de dominação de um indivíduo sobre o outro, mas de todas as formas de dominação. Em nossa sociedade o direito legitima o poder, o discurso de verdade como chama Foucault, constituem as regras e normas estabelecidas por esse direito e transmitida pelos indivíduos, o poder transita entre os indivíduos tendo suas ideologias assimiladas pelo poder do seu discurso.

Aplicando a teoria de Castells, ao nosso trabalho podemos afirmar que o período da chegada dos espanhóis as terras recém encontradas, inicia o período de construção de uma identidade legitimadora socialmente imposta, que posteriormente dará origem aos outros dois tipos de identidades, a de resistência e a de projeto, adiante abordaremos melhor esta ideia.

A teoria de Castells em relação à construção das identidades dialoga diretamente com a teoria da soberania debatida por Foucault, no qual o sujeito estabelece uma relação política consigo mesmo, sendo entendido em dois aspectos, um dotado naturalmente de direitos e capacidades e outro definido como elemento sujeitado, como define Foucault “o ciclo do sujeito ao sujeito, o ciclo do poder e dos poderes, o ciclo da legitimidade e da lei”. (Foucault, 1999, p.50). Podemos visualizar este conceito através da representação abaixo



2 - CRISTÓBAL COLÓN: EL DIARIO DEL PRIMER VIAJE

Como exposto na introdução deste trabalho, o *corpus* da pesquisa centra-se nas narrativas do primeiro diário de viagem de Cristóvão Colombo. Atribui-se a Colombo a redação de quatro diários, no qual relatou os ocorridos durante suas viagens ao que por ele foi denominado “Índias”.

A escolha de trabalhar especificamente com o primeiro diário de viagem de Colombo, deu-se após a análise do seu conteúdo e as suas narrativas, quando descreve o seu primeiro contato com os nativos destas terras. É necessário fazer algumas ponderações a respeito do conteúdo dos diários e sua elaboração, para melhor esclarecimento do leitor.

Como dissemos, é atribuído a Cristóvão Colombo a autoria de quatro diários de viagens (diários de bordos) e um testamento, apesar de nenhum desses documentos terem chegado a nós através de seus respectivos textos originais.

O que temos são cópias dos relatos da primeira e terceira viagem ao Novo Mundo realizadas por Colombo, que chegaram até nós sendo reescritos por Fray Bartolomé de Las Casas, segundo Varela em outros relatos como os da segunda e quarta viagem existe uma dificuldade maior em estabelecer uma relação entre eles uma vez que o relato da segunda viagem encontra-se incompleto devido a perda do Diário de Colombo, o testamento de Colombo assim como uma carta relatando sua quarta expedição, o quarto diário de viagem aos reis espanhóis que chegaram até nós tardiamente através de informes. (Varela, 1992, p.09)

Os relatos da primeira e segunda viagem encontram-se, na Biblioteca Nacional de Madrid. O primeiro diário assinado por Cristóvão Colombo encontra-se no Palácio de Lira de Madrid, no arquivo dos Duques de Alba, o quarto diário encontra-se na Biblioteca Universitária de Salamanca, a cópia de seu testamento encontra-se no Arquivo Geral das Índias, compondo o arquivo familiar dos Duques de Veragua, descendentes diretos de Colombo (Varela, 1992 p.10)

Para análise do Corpus de pesquisa deste trabalho, foi utilizado uma compilação dos diários de viagens de Colombo, feita por Consuelo Varela pela Alianza editorial, que traz além dos quatro relatos de viagens, datas das expedições, tripulação, e informações cronológicas sobre as naus e a chegada de Colombo em terras novas.

È interessante ponderar que por vezes os relatos de Colombo devem ser lidos por três distintas vozes, a de Colombo, a de Bartolomé de las Casas que para escrever sua História General de Las Índias buscou informações reescrevendo o diário de Colombo, e a de Hernando Cólón que utilizou o relato de Bartolomé de las Casas para escrever a história do Almirante seu pai, Cristovão Colombo. Devemos levar em consideração também que Colombo se propõe a escrever seus diários, dia após dia, escrevendo há noite o que passou durante o dia e de dia o que passou há noite.

Supõe-se que Colombo não escreve seus relatos no exato momento em que estes ocorrem e sim um tempo depois, isso se torna nítido durante a leitura dos diários, um processo de escrita que provavelmente resulta em espaços narrativos, ou seja, percebe-se nos diários um preenchimento no que está sendo descrito.

2.1 – DIÁRIO DE VIAGEM COMO GÊNERO LITERÁRIO

Pensar em literatura de viagem é pensar em um gênero que se encontra frente a um debate entre o histórico e o ficcional. Utilizando-se da linguagem para representação da realidade a literatura de viagem é composta por um amplo conjunto de imagens, transformadas em letras pelas mãos do viajante.

Todavia a literatura de viagem traz consigo alguns questionamentos, sendo o principal como um diário de viagem deixa de ser histórico e torna-se literatura. Para que possamos responder a essa e outras questões, precisamos compreender o surgimento da literatura de viagem e como esta se afirma ao longo do tempo como gênero literário.

Durante os séculos XV e XVI com o advento das grandes navegações buscando novas rotas de comércio, sente-se a necessidade de registrar os percursos realizados durante as viagens, e as novas terras e povos encontrados. Esses registros são realizados através de diários de viagens, relatos, cartas, registros de navegações, discursos que são elaborados a partir do ponto de vista de almirantes, e de sua íntima relação com a experiência da navegação, como observa Schemes (2013) ao citar Junqueira “o diário de viagem é “um corpus documental, consideravelmente diversificado, sendo improvável encontrar homogeneidade entre essas fontes.” (Schemes, 2013 apud Junqueira 2011)

O diário de viagem como documento histórico busca situar um determinado fato realizado em seu tempo e espaço, cruzando fontes para compreender o contexto histórico dos fatos apresentados.

Por outro lado, no âmbito literário os diários de viagens são apresentados a partir do subjetivismo determinado por um ponto de vista pessoal, que traz em suas narrativas não apenas relatos de fatos ocorridos, mas está impregnado pela experiência de vida do seu autor-narrador, que por sua vez pode afetar os eventos do relato. Dessa forma o narrador recupera fatos e imagens da memória, e recorre a seu imaginário, para completar sua narrativa. Cunha observa que

Não é, com efeito, tanto a paisagem que o narrador-viajante quer dar a ver, antes a sua relação com o espaço e cultura, estrangeira ou de pertença, num determinado período de tempo. Visto que estes discursos remetem a uma dimensão intimista, o posicionamento privilegiado do eu viajante, que, de uma maneira geral, coincide com o eu que relata a viagem, determina o tom, por vezes, irregular, dos relatos – ou plural, em razão dos diferentes registros utilizados e dos tempos diferentes que correspondem a dupla experiência da viagem e da escrita –, pois o narrador, se molda o seu discurso as especificidades do gênero, tem que contar com a memória, que disporá a matéria narrativa numa sequência organizada, tendencialmente linear, porquanto segue a cronologia dos acontecimentos. (Cunha, 2012 p.155)

Quando falamos de relatos de viagens devemos ter em mente que o gênero transita entre dois mundos, o da ficção e o da realidade, o da subjetividade literária e o da veracidade histórica. Como observa Cunha

É evidente que, em literatura, os textos não são verdadeiros nem falsos, na sua dimensão verbal, na medida em que funcionam dentro de um sistema, o literário, que detém as suas próprias regras, avessas a critérios de verdade ou de falsidade. No entanto, a natureza referencial das narrativas de viagem satura-as de elementos indexicais e deícticos. Só que a viagem presta-se a metaforizarão; afinal, ela se confunde com a própria vida na sua transitividade. (Cunha, 2012 p.161)

Mas então, como podemos explicar essa relação entre ficção e realidade nos relatos de viagem? Primeiro necessitamos compreender como se manifesta a ficção, e sua relação com a realidade. Segundo Castro “O homem significa o real, e manifesta realidades. Manifestar realidades é discursar o real, estabelecendo tempos e espaços. Discursar é significar, assim sendo, o tempo e o espaço são realidades na medida em que são discursadas.” (Castro, 1985 p.45)

Ao manifestar discursivamente sua realidade, o homem recorre ao ficcional, uma vez que a característica principal deste é o imaginar. Ao adentrar no campo do ficcional o homem recria sua realidade, implementando-a de recursos que captem a atenção de seus leitores, obtendo como resultado as reações esperadas no leitor definidas como objetivos iniciais no momento em que escreve.

Como nos afirma Castro (1985) “a ficção implica o formar, dar forma(Castro, 1985 p.45)”. Sendo assim, por mais verídico o relato de viagem possa ser, a partir do

momento que é transformado em discurso, seu autor recorre a elementos ficcionais para reelaborar e dar forma a realidade narrada.

Deixando a parte os referentes estéticos que configuram obras literárias, podemos dizer que os relatos de viagens mais que documentos históricos, fazem parte do grupo denominado literatura de viagem, pois além de seu caráter informativo e pragmático desempenham também uma função cultural fundadora. Assim sendo, podemos definir os relatos de viagem como uma narrativa histórica – literária e de caráter comparativo. Como nos afirma Pizarro

Mais que valorizar a sua escrita, haveria que pensar estes textos como formando parte de nossa literatura, não por suas propriedades estéticas, como também documentos fundamentais da nossa cultura, como textos que foram escritos em um ato fundador, onde a escrita se concilia e cumpre uma função simbólica que se aproxima a das fundações das cidades, de caráter instaurador. (Pizarro, 1993 p.26)

O relato de viagem mais que uma narrativa técnica transforma-se em uma narrativa literária e biográfica, em que seu autor-narrador transfere uma realidade vivida para seu leitor, carregada de impressões e emoções próprias. O relato de viagem não apenas descreve um momento histórico, mas desde o ponto de vista do narrador-viajante este com a arte do discurso translada o leitor para sua realidade, através de recortes narrativos que se convertem em imagens mentais para o leitor, conferindo ao relato de viagem mais que um lugar nos cânones históricos o reconhecimento como uma obra literária.

3- COLOMBO E O “NOVO MUNDO”

Em 3 de agosto de 1492, Cristovão Colombo parte de Palos levando consigo uma frota composta por uma nau e duas caravelas, acompanhado por outros tripulantes, inicia sua jornada ao que seria uma expedição em busca de novas rotas para as índias. Essa expedição, porém, resultaria no que Todorov (1999) define como "O maior genocídio da história da humanidade" (Todorov, 1999. P.08). Um encontro de dois povos distintos, no qual a soberania de um eliminaria a vida e cultura do outro.

No dia 11 de outubro de 1492, Colombo na sua nau "Santa Maria" aporta em terras até então desconhecidas para ele. Terras habitadas, como escreve Las Casas (Las Casas, 1992 p.62), "por gente desnuda, uma terra de árvores muito verdes, águas, e frutas variadas".

Colombo ao chegar nesta terra a toma como posse sob as ordens da coroa espanhola e a proteção da igreja católica, reivindica para Espanha um território já habitado e pertencente a outros povos, como aponta em seu relato primeiro:

O Almirante chamou a dois capitães e os demais que saltarão em terra, e a Rodrigo d'Escobedo escrivão de toda a armada, e a Rodrigo Sánchez de Segovia, e disse que o dessem por fé e testemunho como ele diante de todos tomava posse daquela ilha em nome do Rei e da Rainha seus senhores. (Colombo, 1992, p. 62)¹

Assim nasce aos olhos de Colombo o que este denominou o "Novo Mundo" um lugar que Chaunu (1971) descreve como "o produto de uma síntese que, incontestavelmente, se fez em detrimento em primeiro lugar do elemento índio" (Chaunu, 1971, p. 11). Este "Novo Mundo" nasce de uma forma equivocada, existem em seu relato algumas discordâncias, a iniciar pela precisão em suas datas, e a identidade de Cristovão Colombo, até hoje não se sabe exatamente a origem ou nome dele.

Referente às datas existem algumas imprecisões que são atribuídas à chegada de Colombo a antiga Guanahaní. Em seu relato, o primeiro contato de Colombo com essa terra ocorre na madrugada do dia 11 de outubro de 1492, passada meia noite, essa data se converte em 12 de outubro de 1492, porém no relato da primeira viagem a data 12 de

¹"El Almirante llamó a los dos capitanes y a los demás que saltaron en tierra, y a Rodrigo d'Escobedo escribano de toda la armada, y a Rodrigo Sánchez de Segovia, y dixo que le diesen por fe y testimonio cómo él por ante todos tomava, como de hecho tomó, posesión de la dicha isla por el Rey e por la Reina sus señores"(Colombo, 1992, p. 62).

outubro não aparece registrada, seus feitos seguem sendo uma continuidade do dia 11 de outubro.

Em se tratando da fixação da data de 12 de outubro como a chegada dos espanhóis a América, alguns teóricos discutem a imprecisão desta uma vez que houve modificações no calendário da época, mudanças que alterariam o dia 12 de outubro para 22 de outubro.

As mudanças realizadas pelo Papa Gregório XIII no calendário Juliano, então calendário vigente na época das navegações espanholas e utilizado desde os antigos romanos, para o calendário tal qual o conhecemos hoje altera a data da chegada dos espanhóis a América para o dia 22 de outubro, o que resulta em um debate em torno do dia 12 de outubro como celebração da chegada de Colombo a América. Segundo Ansaldí:

Existe também um equívoco, na data de celebração, pois, ao que se sabe a observação e desembarque ocorre em 12 de outubro. Dia corresponde ao calendário Juliano, tal como foi escrito antes da correção, realizada pelo Papa Gregório XIII convertendo o 12 em 22 de outubro. (Ansaldí, 1994. p.04)²

Outras imprecisões referentes às datas no relato Colombino aparecem no terceiro e segundo relato de viagem. Quando Colombo narra sua chegada à parte sul do continente em seu terceiro relato, descreve as terras e seu contato com os povos da região datando o ano de 1498, porém em seu segundo relato de viagem já existe descrição de contatos com os mesmos povos da parte sul do continente, no ano de 1494, ou seja, aparece em ambos os relatos a descrição do mesmo fato em anos diferentes. Como nos diz Ansaldí, “a narrativa do terceiro relato está equivocada uma vez que narra o mesmo fato, mas registra anos diferentes (Ansaldí, 1994. P.05)”³.

As problemáticas no relato Colombino são diversas, em partes pela inexatidão e precisão dos fatos narrados e em partes pela autoria dos seus próprios relatos e por como estes foram feitos. Ao iniciar seu relato da primeira viagem, Colombo se propõe a escrever os fatos ocorridos dia após dia, porém ao realizar a leitura percebem-se espaços narrativos, ou seja, falhas lingüísticas e temporais na narrativa do relato. Consuelo

²“También hay un equívoco en la fecha de la celebración, pues si bien es cierto que el avistamiento y desembarco se produjo el 12 de octubre, este día corresponde a la cronología del calendario juliano. Tal como se consignó antes, la corrección introducida en éste por el papa Gregorio XIII convirtió el 12 en 22 de octubre”(Colombo, 1992, p. 62)

³“Equivoco es, igualmente, el tradicional relato de la llegada de Colón a América del Sur en 1498,, durante el tercer viaje, puesto que ya había estado antes, a fines de 1494, (Ansaldí, 1994. p.05)”.

Varela, importante pesquisadora dos temas Colombinos, nos afirma que “(...) nos relatos do primeiro diário de viagem existe a presença de formas lingüísticas tipicamente Colombinos que ao longo dos outros relatos vão desaparecendo (Varela, 1997. P.20)”.

Além do mais, Colombo recorre ao seu imaginário para compor a sua narrativa, como dito no capítulo anterior, essa narrativa é composta por diferentes vozes uma vez que este foi reescrito por Las Casas; esse processo cria uma forte problemática em estabelecer veracidade aos fatos narrados.

3.1 - IDENTIDADE LEGITIMADORA: COLOMBO E A CONSTRUÇÃO DO OUTRO

Nos relatos do primeiro diário de viagem de Cristovão Colombo, nos deparamos com a narrativa daquilo que foi o encontro entre espanhóis e povos originários e as relações estabelecidas em decorrência do mesmo.

Refletir sobre esse encontro é muito mais do que pensar em choque cultural, é identificar nele uma relação de poder em que homens auto-proclamados civilizados reduzem o outro a condição de bárbaros. É pensar questões identitárias através de dois pontos de vista: de um lado um nativo que teve seus nomes, costumes, e identidade modificados pelo outro; e de outro lado, um povo que, por possuir uma soberania bélica e um pensamento medieval de civilização, define e renomeia tudo e todos que encontra ao longo de sua passagem pelas terras encontradas.

O que temos ao longo da narrativa do primeiro diário de viagem de Colombo vai mais além da descrição de terras e de tudo que nelas habita, trata-se de uma criação identitária. Colombo encontra um novo mundo e o adapta a sua realidade, percebe que este lugar difere em muito daquilo que conhece. Não há no seu relato uma aceitação dessa nova realidade e sim uma adaptação, ele cria um novo mundo adaptando tudo o que encontra a sua realidade.

Sua viagem possuía, além de traçar novas rotas para as índias, outros objetivos como os de expandir a doutrina cristã nas novas terras bem como o império espanhol.

Tomando posse da terra e de seus povos, Colombo coloca em prática os objetivos de sua viagem, para isso desconsidera as características de seus habitantes,

classificando e transforma aquilo que vê pela frente, impondo assim a sua visão. A respeito disso Varela(1997) afirma que “Colombo descobre um novo mundo. Porém, ele não aceita a realidade deste mundo tal como lhe foi dada, no entanto, como é natural, a acomoda aos seus conhecimentos prévios e a um critério próprio, desde a sua interpretação.” (Varela, 1997. P.43)

Sabemos que a identidade é algo relacional, que para existir baseia-se na diferença, ou seja, a identidade se realiza naquilo que ela não é na diferença. Ao se deparar com os povos originários, Colombo encontra neles uma identidade que difere da sua. A partir do momento que ele descreve esses povos, os faz conhecer, mas também cria uma identidade socialmente imposta. Como nos afirma Castells(1999), citando Calhoun:

Não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas em que alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecida. O autoconhecimento - invariavelmente uma construção não importa o quanto possa parecer uma descoberta - nunca está totalmente dissociado da necessidade de ser conhecido, de modos específicos, pelos outros. (Castells, 1999 Apud Calhoun, 1994)

Como expomos no capítulo inicial acerca das teorias da identidade, Castells (1999. P.22) afirma que "a construção da identidade sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder", discursos que se internalizam fixando uma dominação no sujeito e legitimando uma identidade imposta. Colombo ao narrar seus encontros com os povos originários conhece os costumes destes e os rechaça. Tais costumes faziam parte da identidade desses povos, previamente definida anos antes do encontro com os espanhóis.

Apesar da constatação das diferenças, Colombo transforma o que vê e cria um novo discurso para definir os povos originários, criando uma nova identidade que se perpetuará ao longo do tempo.

Colombo, ao narrar sua chegada ao "Novo mundo", descreve a imposição de um discurso civilizatório provindo de uma instituição dominante que visa à subjugação dos povos e das terras. Ele, portanto, impõe seu juízo de valor e diretamente cria uma nova imagem para os povos originários, a imagem de um povo simples que aceita tudo facilmente, um povo ingênuo que se adaptaria aos costumes, fé e práticas espanholas, como fica evidente no seguinte fragmento de seu relato:

Por fim, tudo tomavam e davam de tudo que tinham de boa vontade, mas me pareceram gente muito pobre de tudo. Eles andam desnudos como sua mãe os pariu, assim como as mulheres, e todos os que vi eram jovens, não vi nenhum com idade maior que trinta anos, de boa aparência, corpos e rostos bonitos, os cabelos grossos como os pêlos de um cavalo. Eles se pintam de preto, e são da cor dos canários, nem

negros nem brancos, e se pintam de branco e vermelho, pintam suas caras e todo o corpo. (Colombo, 1992. P.62)⁴

Através do discurso Colombo não apenas cria, mas legitima uma nova identidade para os povos originários, identidade esta queo beneficia. Aos soberanos da Espanha, Colombo descreve aquilo que eles desejam saber para continuar investindo nas navegações do Almirante.

No contexto histórico da conquista prevalece o que Castells (1999) define como “identidade legitimadora”, o indivíduo conquistado não tem voz nesse processo, sua identidade anterior não é reconhecida.

Essa identidade legitimadora que afirma Castells (1999) cria em si um novo modelo de sociedade que vai de acordo com as regras que lhe foram impostas, não podendo confrontar a instituição dominante que agride o sujeito dominado, em consequência esta se rende e assimila traços de quem a domina. Segundo o autor,

A identidade legitimadora dáorigem a uma sociedade civil, ou seja, um conjunto de organizações e instituições, bem como uma série de atores sociais estruturados e organizados, que, embora às vezes de modo conflitante, reproduzem a identidade que racionaliza as fontes de dominação estrutural. (Castells, 1999. P.24)

Nas palavras de Ansaldí (1994. P.26), “o colonialismo foi o fundador da América”, uma terra que desde a sua invenção (usamos aqui o termo “invenção” uma vez que a ideia que temos dos nossos povos originários e da terra que habitamos foi construída pelo discurso do colonizador, uma ideia criada) emerge em um contexto baseado em relações de desigualdades e poder, proveniente de um processo de colonização, que não apenas dizimou boa tarde da sua população nativa,mas que criou um discurso estereotipado sobre seus povos que com o passar dos anos foi sendo gradativamente assimilado.

A respeito disto percebemos que Colombo,aproveitando-se da condição de ingenuidade atribuída por ele aos nativos, coloca-se em posição de civilizador, trazendo para estes povos os costumes e crenças da sua cultura. Sua fala está repleta de um

⁴“Em fin, todo tomavan y daban de aquello que tenían de buena voluntad, mas me pareció que era gente muy pobre de todo. Ellos andan todos desnudos como su madre los parió, y también las mujeres, aunque no vide más de una farto de moça, y todos los que vi eran mançebos, que ninguno vide de edad más de XXX años, muy bien hechos, de muy hermosos cuerpos y muy buenas caras, los cabellos gruessos cuasi como sedas de cola de cavallos e cortos. Ellos se pintan de prieto, y ellos son de la color de los canarios, ni negros ni blancos, y se pintan de blanco y d’ellos de colorado y d’ellos lo que fallan, y d’ellos se pintan las caras, y d’ellos todo el cuerpo.”(Colombo, 1992. P.62)

discurso etnocentrista, que o coloca em um lugar privilegiado. “Entendíamos que nos perguntavam si havíamos vindo do céu. E veio um velho, e outros homens e mulheres: Venham a ver os homens que vieram do céu, dê-lhes de comer e de beber.” (Colombo, 1992 p.65)⁵

Esse discurso de poder etnocentrista que permeia a fala de Colombo é à base de construção de uma identidade legitimadora que se define em seudiscurso, abrindo caminhos para um novo tipo de sociedade, uma sociedade colonizada que tem a sua identidade construída a partir da visão do dominador.

O que encontramos nas linhas do primeiro diário de viagem de Colombo, trata-se do início de um longo processo de construção de uma identidade que irá se reafirmar ao longo dos anos. Devemos levar em conta que os povos originários que habitavam estas terras possuíam costumes línguas e culturas próprias, o próprio Colombo os reconhece como sendo diferentes dos seus.

(...) porque conheci que era gente que melhor se livraria (dos seus costumes) e converteria a nossa santa fé com amor e não por força, dei a alguns uns prendedores avermelhados e umas contas de vidro que usavam no pescoço e outras coisas de pouco valor. (Colombo, 1992. p.62)⁶

Colombo reinventa o que encontra pela frente, legitima sua dominação e cria uma nova identidade para as terras e os povos, exemplo disto é o fato de que renomeia as ilhas que encontra. Os nomes originários desses lugares não o servem, portanto atribui nomes que fazem menção a sua cultura, como é o caso de Cuba citado no seguinte fragmento “(...) Dos povos da terra de Juana, a que eles chamam Cuba.” (Colombo, 1992 p.147)⁷. Ou quando se refere à Bohío local que Colombo denominou por “La Espanhola”; “E digo que é verdade que são maravilhosas as coisas de aqui, e dos povos grandes desta ilha Espanhola, que eles chamam Bohío.” (Colombo, 1992p. 147) ⁸

Como sabemos, o ato de nomear implica em "fazer-se conhecer", "individualizar", quando criamos algo nomeamos para identificar. Nas palavras de Ansaldí (1994): “O

⁵“entendíamos que nos perguntavam si éramos venido(s) Del cielo. Y vino uno viejo en el batel dentro, y otros a bozes grandes llamaban todos, hombres y mugeres: <<Venid a ver los hombres que vinieron del cielo, traedles de comer y beber.>>(Colombo,1992 p.65)

⁶“Porque cognoscí que era gente que mejor se libraría y convertiría a nuestra sancta fe con amor que no por fuerza, les di a algunos d’ellos unos bonetes colorados y unas cuentas de vidrio que se ponían al pescueço y otras cosas de mucho poco valor.(Colombo, 1992. p.62)

⁷“(de) la gente y la tierra de Juana, a que ellos llaman Cuba”(Colombo, 1992 p.147)

⁸“Y digo que es verdad que es maravilla las cosas de acá y los pueblos grandes d’esta isla Española, que así la llamé, y ellos le llaman Bohío” (Colombo, 1992p.147)

nome, como sabemos, é uma palavra com que se designa pessoas, animais ou coisas para individualizá-los e distingui-los de outros, ou seja, para dar-lhes uma identidade” (Ansaldí, 1994. p.08)⁹

Apesar do reconhecimento, este não gera uma reação empática em Colombo, tampouco o impede de resignificar o que encontra em seu caminho de acordo com a sua vontade: o que Colombo não reconhece, não nomeia.

Meus olhos não cansam de ver tão formosas verduras e tão diversas das nossas, e acredito que existe nessas terras muitas ervas e árvores que serão de muito valor em Espanha para tinturas, remédios e especiarias, mas eu não as conheço.(Colombo, 1992. p.75)¹⁰

O ato de renomear está diretamente relacionado ao processo de identidade criado, uma vez que ao renomear essas terras, Colombo despreza os nomes que estas possuíam renomear algo é (re) identificar. Como vimos anteriormente, a identificação é parte determinante no processo de construção da identidade. O nome faz parte da identidade construída, renomeando Colombo cria uma nova identificação para as terras

⁹“El nombre, como es sabido, es una palabra con que se designa a personas, animales o cosas para individualizarlos o distinguirlos de otro, o sea, para darles una identidad.”(Ansaldí, 1994. p.08)

¹⁰“ni me se cansan los ojos de ver tan fermosas verduras y tan diversas de las nuestras, y aun creo que a en ellas muchas ervas y muchos árboles que valen mucho en España para tinturas y para medicinas de espeçería, mas yo no los cognozco” (Colombo, 1992. P.75)

3.2 - O SURGIMENTO DO ÍNDIO

Acreditando haver chegado as Índias, Colombo encontra um povo diferente de si. Nomeia então estes povos de índios, diferentes etnias com diferentes costumes e origens, reduzidas a um único nome e a uma mesma definição: “A água daqueles rios era muito salgada; não soubemos onde tomavam água os índios, já que tinham em suas casas águas doces.”(Colombo, 1992, p.84)¹¹

Colombo parte do seu conhecimento de mundo para identificar o que encontra pela frente. Renomeia as terras e seus povos, sem levar em consideração seus nomes originários, seus costumes e suas línguas. A respeito disto Viana e Santos (2010) nos afirma que:

Nenhum dos povos tinha uma palavra em sua língua que pudesse ser traduzida pelo termo "índio", atestando que esse conceito era inteiramente desconhecido pelos antigos habitantes do continente americano. Assim, mexicas, tarascanos, incas, arwaks, caribes..., para citar apenas alguns entre tantos povos nativos, não se reconheciam inicialmente sob a genérica identidade de índios, inventada pelos europeus no processo de conquista das Américas.(Viana e Santos, 2010 p.19)

Para Colombo, o que encontra nas novas terras vai além de “povos ingênuos” e “gentis”, ele encontra servidores. “Captura” alguns nativos para levá-los a Espanha, para que estes aprendam sobre as crenças e costumes, e a língua dos Espanhóis que virá fazer parte da sua nova identidade.

Eles devem ser bons servidores e de boa índole, e creio que rapidamente se fariam cristãos, pois me parece que não possuem seitas. Eu levarei de aqui durante minha partida, seis a vossa alteza para que aprendam a falar. (Colombo, 1992. p.63) ¹²

Colombo baseia-se no arquétipo do homem da idade de Ouro para criar o mito do “bom selvagem”, aquele que facilmente e sem resistência aceitaria as imposições dos

¹¹“El agua de aquellos ríos era salada a la boca; no supieron de dónde bevían los indios, aunque tenían en sus casas aguas dulces.”(Colombo, p.84)

¹²Ellos deben ser Buenos servidores y de buen ingenio, que veo que muy presto dicen todo los que dezía. Y creo que ligeramente se harían cristianos, que me pareció que ninguna secta tenían. Yo placiendo a Nuestro Señor llevaré de aquí al tiempo de mi partida seis a vuestras altezas para que deprendan fablar.(Colombo, 1992. P.63)

conquistadores. Assim surge a ideia do nativo como ser ingênuo e inocente, desprovido de má índole, de vida simples, ideia que se perpetuou ao longo dos anos.

Ao longo de sua jornada pelas novas terras e de seu contato com os povos originários, Colombo depare-se com um traço identitário determinante destes povos e que dificilmente seria alterado: A língua. Esta marca distintiva que afirma a identidade originária destes povos antes da chegada de Colombo é, por muitas vezes, desconsiderada no relato de Viagem Colombino.

A partir do primeiro momento que chega a terras de Guanahaní e ao longo do seu primeiro relato, Colombo afirma estabelecer contato com os nativos. Levantamos aqui um questionamento: como este contato foi estabelecido. Encontramos passagens nas quais Colombo define o contato por fala e por sinais e outras passagens em que Colombo afirma desconhecer a língua dos nativos.

(...) E vi logo dois ou três, e toda a gente que vinha a praia chamando-nos e dando graças a Deus. Alguns nos traziam água, e outras coisas de comer; outros quando percebiam que eu não iria ao seu encontro, se lançavam ao mar nadando e vinham (até nós) e entendíamos que nos perguntavam se éramos vindos do céu. (Colombo, 1992. p.65) ¹³

Em outro fragmento do seu relato, Colombo afirma desconhecer a língua falada pelos nativos, portanto podemos deduzir que não havia comunicação verbal entre o comandante e os povos nativos. Dessa forma tudo o que Colombo descreve a respeito do comportamento dos nativos parte somente do seu ponto de vista.

Como vimos anteriormente, Colombo afirma em seu relato que os povos das terras os reconheciam como Deus os descreve como “bons” e “confiáveis”, porém, ao assumir desconhecer a língua dos nativos, Colombo fala de como essa falta de conhecimento afeta sua relação com os mesmos. Ele passa então a falar dos nativos de outra forma, qualificando-os como não confiáveis:

¹³“Y vide luego dos o tres, y la gente que venía a la playa llamándonos y dando gracias a Dios. Los unos nos traían agua, otros otras cosas de comer; otros cuando veían que yo no curava de ir a tierra, se echaban a la mar nadando y venían y entendíamos que nos preguntaban si éramos venido(s) del cielo.(Colombo, 1992. P.65)

(...)E também não sei a língua(deles), e as pessoas destas terras não me entendem, nem a mim nem a outro; E estes índios que eu trago muitas vezes entendem uma coisa por outra, nem confio em muito deles, porque muitas vezes hão fugido. (Colombo, 1992. p.110)¹⁴

Isto não apenas gera uma contradição ao seu relato como também define a imposição da dominação espanhola, que negando o reconhecimento da língua nativa, impõe a sua.

(...) embora não se possa conhecer direito uma terra em poucos dias, tanto pela dificuldade da língua, que o Almirante não entendia, comunicando-se com eles por gestos, como também porque não sabiam o que ele pretendia em tão pouco tempo. (Colombo, 1994 p.175)¹⁵

Como sabemos a língua é a mais relevante forma de realização da identidade de um povo. Ao negar a língua dos povos originários, Colombo nega também a identidade deles e, ao impor a sua língua para que exista comunicação com o nativo, Colombo impõe e legitima uma nova identidade.

(...)lhe havia parecido aconselhável capturar algumas pessoas que moram nessas margens para levá-las à presença dos monarcas a fim de aprenderem a nossa língua, saber o que contém essa terra e, ao regressar, falarem língua de cristãos, tendo adotado nossos costumes e as coisas da fé (Colombo, 1994 p.94).¹⁶

Neste trecho do relato Colombino temos o principal aspecto do que foi a dominação de um povo em favor de outro. Colombo acredita ter trazido para as novas terras a civilização que salvaria os povos nativos, não levou em consideração que estes povos faziam parte de outro tipo de civilização. Esse “desconhecimento” por parte de Colombo encontra suas bases no fato de que os povos nativos não compartilham os mesmos aspectos identitários, tais quais, língua, costumes, religião, escrita.

¹⁴“Y también no sé la lengua, y la gente d’estas no me entienden, ni yo ni otro que yo tengo a ellos, y estos índios que yo trago muchas veces le entiendo una cosa por otra AL contrario; ni fío mucho d’ellos, porque muchas veces aprova do fugir.”(Colombo, 1992. P.110)

¹⁵“aunque en pocos dias no se puede saber de una tierra mucho, así por la dificultad de la lengua, que no entedía el Almirante sino por discreción, como porque ellos no saben lo qu’él pretendía en pocos días.(Colombo, 1994 P.175)

¹⁶“le avia parecido que fuera bien tomar algunas personas de las de aquel río para llevar a los reyes porque aprendieran nuestra lengua, para saber lo que ay en tierra y porque volviendo sean lenguas de los cristianos y tomen nuestras costumbres y las cosas de la fe.”(Colombo, 1994 P.94)

Sabemos que antes da chegada de Colombo nossas terras eram habitadas por diversas etnias, com um sistema lingüístico diverso e complexo, o que Ansaldí (1994 p. 06) define como “um sistema complexo e perfeito”, sistema este que foi desconsiderado pelos espanhóis.

No contexto da colonização espanhola na América nos deparamos com um fator determinante que marca a identidade dos povos originários assim como seu símbolo de resistência a invasão espanhola: A língua. Colombo ao impor sua língua estabelece sua dominação.

A língua funciona como sendo a primeira representação da identidade de um povo, é através da língua que as formas de identidade se realizam, sejam elas culturais, nacionais, étnicas, de acordo com Hall “Essas identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas.” (Hall, 2000 P.08), isto quer dizer que a língua surge no processo de construção da identidade como um elemento determinante na formação de um povo, afirmando seu pertencimento a determinada cultura e sociedade.

Colombo, como já mencionamos, desconhece a língua dos povos originários, por esse motivo exerce seu poder de conquistador capturando nativos para que estes aprendam sua língua e sirvam de tradutores para os outros. Como nos diz Hall(2000 P.08) “A linguagem e os sistemas simbólicos estão diretamente implicados na construção das identidades”. A imposição da língua, a renomeação dos povos e das terras, são fatos característicos não apenas da imposição de uma cultura sobre a outra, mas da criação de uma identidade que impôs aos povos das nossas terras uma nova língua e costumes, com o único objetivo de racionalizar uma dominação, criando um discurso sobre os povos originários que resulta na “invenção” de uma identidade que se legitima ao longo do processo de colonização e se fixa ao longo dos anos.

Como podemos constatar, Colombo afirma sua dominação ao impor aos nativos sua língua, apesar da resistência, a dominação espanhola se estabeleceu, trazendo consigo uma nova identidade para os povos originários, identidade que se construiu e se afirmou ao longo dos anos marcados por estereótipos, uma identidade construída que legitimou um discurso de poder e de conquista que destituiu os povos originários o direito as suas terras, língua, costumes e crenças, a sua legítima identidade, um discurso que até os dias atuais ecoa pelo tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar o processo de construção da identidade e aplicá-lo ao contexto da época da conquista espanhola, percebi que não seria uma tarefa fácil, tão pouco algo simples de se pensar. Pelo contrário foram dias, noites e meses de leituras, escrevendo e reescrevendo capítulos até chegar ao presente trabalho.

Falar sobre identidades é adentrar em um campo amplo e abstrato. Nesse campo temos que ter o cuidado de delimitar o tipo de identidade que estamos tratando, pois os tipos são diversos; temos que ter um cuidado redobrado ao definir o que é identidade e como esta se constrói, uma vez que a ambiguidade é a principal característica da qual definimos como “identidade”.

Digo ambíguo, pois em si a identidade é estável e ao mesmo tempo instável, ela é singular e plural, é antiga e moderna; está presente desde os primeiros anos da nossa vida e vai se (re) construindo ao longo dela. Nas palavras de Bauman (2005, p.22) a identidade é “uma convenção socialmente necessária”.

O grande desafio neste trabalho foi abordar o tema da construção da identidade e relacioná-lo com a imagem que temos dos nossos povos originários, e pensar como essa imagem (esse discurso) foi construído.

Tratava-se de uma construção ou desconstrução da identidade de um povo? Por vezes, essa pergunta permeou este trabalho e foi tema de várias conversas com minha orientadora. O resultado dessas conversas nos fez refletir sobre um momento na história da América latina: a chegada de alguns europeus em uma terra habitada por povos diferentes deles, esse encontro resultou em um discurso que descrevia o jeito, os costumes e a cultura desse povo, que cria a imagem que conhecemos dos nossos povos originários.

A nossa cultura originária foi escrita ao longo da história pela visão do outro, nas escolas ensina-se sobre uns povos denominados “indígenas” que em 1492 são “descobertos” “conquistados” e tornam-se “civilizados”, uma história que ao longo dos anos segue perpetuando-se.

Um discurso coberto de estereótipos que teve como base uma identidade criada pela visão do outro, e que resultou na criação de um povo que desconhece sua história antes de 1492, e que tristemente segue repassando o mesmo discurso nos dias de hoje.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas para a realização deste trabalho, ao término posso sentir quão gratificante foi a experiência, e mesmo que por muitas vezes eu tenha questionado a escolha do tema e a minha capacidade em desenvolvê-lo, hoje me sinto realizada e honrada por tê-lo. Ao concluir este trabalho, tenho maior convicção de que este não é o fim, e sim o início do que será meu maior prazer e maior desafio, estudar e compreender a identidade do povo latino-americano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSALDÍ, Waldo. **Cristóbal Colon, un falso palomo: entre los equívocos y la grandeza**. CEFISA. Centro de Estudios Filosóficos de Salta. Argentina. Ano II, Nº1, 1992.

ARISTÓTELES. **Metafísica I e II**. São Paulo. Abril S.A Cultural. 1984.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade. Entrevista a Benedetto Vechi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Editora Paz e Terra LTDA. 1999.

CHAUNU, Pierre. **História da América Latina**. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1971

CUNHA, Paula cristina r. da rocha. **Apontamentos teóricos sobre literatura de viagens**. Caracol. São Paulo, V. 01 nº03 p. 152-173 janeiro-junho. 2012.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades**. Porto: Edições Afrontamento. 2006.

FERREIRA, Aurélio b. de holanda. **Dicionário Aurélio escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A. 1988

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Editora Graal. 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PIZARRO, Ana et al. (Coord.) **América Latina, palavra, literatura e cultura**. São Paulo: Memorial; Campinas: Unicamp. 1993.

ROGER, Samuel et al. (Coord.) **Manual de teoria literária**. Petrópolis: Vozes. 1985.

SCHEMES, Elisa freitas. **Oswaldo Cabral na “Terra da liberdade”**: relato de uma viagem na vigência da política de boa vizinhança. 2013. 134 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2013.

TADEU DA SILVA, Tomaz. et al.(Org.). **Identidade e diferença a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes. 2000.

TODOROV, Tvetan. **A conquista da América a questão do outro**. São Paulo. Martins Fontes. 1999.

VARELA, Consuelo. **Cristóbal Colón, Textos y documentos completos, Edición de Consuelo Varela; Nuevas cartas, Edición de Juan Gil**. Madrid: Alianza editorial. 1997.

VARELA, CONSUELO. **Cristóbal Colón: Los cuatro viajes. Testamento.** Madrid: Alianza editorial. 1992

VIANA, Larissa; MARQUES DOS SANTOS, Lincoln. **História da América vol. 01.** Rio de Janeiro: Fundação Cecierj/Consórcio Cederj. 2010.